

O MOVIMENTO DE DESIDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE "SEMÂNTICA E DISCURSO".

Evandra GRIGOLETTO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente texto explora uma das obras mais importantes de Michel Pêcheux: *Les vérités de la Palice*, de 1975, traduzido e publicado em português em 1988 com o título "Semântica e Discurso". Nesse texto, Pêcheux nos mostra toda a genialidade de seu pensamento enquanto filósofo da linguagem, entendendo-a como uma prática que se relaciona com outras práticas, como é o caso das práticas política e científica. Traz, assim, para o interior da lingüística, mais especificamente da semântica, reflexões do Marxismo e da Psicanálise, entre outras. O ideológico e o inconsciente, a partir de Pêcheux, não podem mais ser pensados como elementos "residuais" da linguagem, mas como elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, de todo sujeito.

Como não poderia dar conta de toda a complexidade desse texto, escolhi centrar a minha leitura de "Semântica e Discurso" sobre a *terceira modalidade discursiva do funcionamento subjetivo*. Assim, lanço o meu olhar sobretudo para o campo da *produção dos conhecimentos científicos*, explorando um viés que se relaciona com a *produção política*, que, por sua vez, está relacionada com os saberes *marxista-leninistas*, tão bem explorados por Pêcheux nesta e em outras obras suas. A partir, então, dessa terceira modalidade discursiva, busco estabelecer relações com outros conceitos, apresentados por Pêcheux nessa obra, como é o caso da *ideologia*, da *apropriação subjetiva* e do próprio conceito de ciência.

Partindo do pressuposto de que "toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas" (PÊCHEUX, 1995, P. 213) e de que *não existe prática sem sujeito*, Pêcheux, em "Les vérités de la Palice", apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*, apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito. Em relação à primeira modalidade, cabe

destacar que ela só acontece pelo viés da reprodução dos saberes que dominam a forma-sujeito. Já, na segunda, abre-se espaço para a diferença, para a contradição, o que aponta para diferentes posições sujeito no interior de uma mesma Formação Discursiva, conforme o que se concebe, atualmente, no quadro teórico da teoria do discurso.

Segundo Pêcheux (1975), a terceira modalidade, que é o meu foco de interesse, é *subjetiva e discursiva*, caracterizada pelo fato de que ela "integra o efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito, efeito esse que toma a forma de uma *desindentificação*, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva" (1995:217). Isso significa que a prática política não pode ser pensada como um elemento incompatível com a prática científica. Pelo contrário, sob a perspectiva de uma teoria materialista do discurso, Pêcheux nos apresenta uma leitura crítica das questões epistemológicas, apontando para o fato de que a "história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes" (PÊCHEUX, 1995, p. 190). Ou seja, a prática científica não está segmentada da prática política e vice-versa. Ambas são determinadas pelas condições sócio-históricas e ideológicas de uma dada formação social. Enfim, é na tentativa de pensar a articulação entre essas duas práticas e os efeitos de sentido que tal articulação produz que Pêcheux propõe essa terceira modalidade, a qual também está relacionada à concepção de ciência que ele defende desde os seus primeiros trabalhos.

Pêcheux nos mostra, ao longo de "Semântica e Discurso", que a descontinuidade ciências/ideologia é um mito, o qual propõe a lógica como núcleo da ciência e, conseqüentemente, um língua logicamente perfeita e um sujeito independente, que pensa livremente. Concepções estas que vão, justamente, de encontro à uma teoria materialista do discurso, proposta por Pêcheux nesta obra. O funcionamento lógico-lingüístico, segundo o autor, realiza o acobertamento ideológico dessa descontinuidade, simulando-a ideologicamente. Portanto, a oposição ciência/ideologia só acontece pelo viés da simulação. Cabe lembrar que, para Pêcheux, as ideologias não são idéias nem têm sua origem nos sujeitos, mas sim são forças materiais que *constituem os indivíduos em sujeitos*. Assim, a evidência do sujeito é somente um efeito ideológico, pois o indivíduo é *sempre-já-sujeito*.

Como a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se dá pela identificação do sujeito com a FD que o domina, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Portanto, também não se pode afirmar que haja *discurso científico puro*, sem ligação com alguma ideologia. Por isso, segundo Pêcheux (1975), toda ruptura epistemológica exhibe e põe em discussão os efeitos da forma-sujeito. Essa concepção de ciência enquanto uma prática social/discursiva, que não está destituída nem do sujeito nem da ideologia, já é apontada por Pêcheux em seus primeiros textos e perpassa toda a sua reflexão teórica. Em 1967, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, em "Remarques pour une théorie générale des idéologies", Pêcheux já afirmava que "toda a ciência é inicialmente ciência da ideologia" (PÊCHEUX, 1995, p. 64).

Busquei mostrar essa relação entre ciência e ideologia, justamente para destacar o funcionamento das práticas políticas e científicas enquanto campos complementares; e também para melhor situar o desdobramento da terceira modalidade subjetiva do sujeito.

Pêcheux afirma que essa "terceira modalidade" constitui um trabalho (de transformação-deslocamento) da forma-sujeito e sua pura e simples anulação. Em outros termos, esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um "*processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de "tipo novo"*" (PÊCHEUX, 1995, p. 217). Pêcheux nos remete a esse trabalho de *transformação/deslocamento da forma-sujeito*, porque, nessa terceira modalidade, diferente da primeira e da segunda, o sujeito, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz um movimento de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a formação discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD e sua respectiva forma-sujeito. No entanto, isso não significa que o sujeito não é mais interpelado pela ideologia. Segundo Pêcheux (op. cit), a interpelação ideológica continua a funcionar, de certo modo, às avessas, isto é, contra e sobre si mesma, dando sustentação a uma prática nova, já que os saberes que compreendem uma determinada forma-sujeito não respondem mais à "necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção" (ZANDWAIS, 2003). Eis o deslocamento, a transformação da forma-sujeito que se produz como efeito do

deslocamento de saberes, os quais passam a (re)configurar as fronteiras da nova FD em que se inscrevem, via interdiscurso.

Na conclusão de "Semântica e Discurso", Pêcheux retoma esta questão da forma-sujeito e suas modalidades de subjetivação. Afirma que é, "na *forma-sujeito do discurso*, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, que se realiza o *non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira*", isto é, de que "eu sou realmente eu" (PÊCHEUX, 1995, P. 266). Ou seja, o sujeito tem a ilusão de controle do dizer e, por sua vez, do sentido, sob o efeito de um lugar social, construído pela "norma identificadora" da sociedade para cada indivíduo. Em relação ao movimento de desidentificação, que se dá sob o efeito paradoxal do processo sem sujeito do conhecimento (sujeito da ciência), enquanto questionamento no interior da forma-sujeito, Pêcheux pontua que ele "se efetua, paradoxalmente, no sujeito, por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos (representação da necessidade-real na necessidade-pensada), processo no qual a interpelação ideológica continua a funcionar, mas, por assim dizer, contra si mesma" (PÊCHEUX, 1995, p. 270). Sendo assim, a apropriação subjetiva do real diz respeito não somente às condições (ideológico-prática) da produção dos conhecimentos científicos em geral, mas também e sobretudo às condições ideológicas e políticas. Aqui, mais uma vez, Pêcheux reforça a concepção de que prática política e prática científica não podem ser pensadas separadamente.

Após ter pontuado as conclusões de Pêcheux, a partir das questões que me propus a desenvolver, penso que se torna fundamental fazer referência ao anexo III deste trabalho," Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação", onde Pêcheux propõe uma retificação justamente acerca do processo de desidentificação. Vamos à ela:

Pêcheux, no texto já mencionado, afirma que, em "Les vérités de la Palice", ele delinea o fantasma de um estranho sujeito materialista que efetua a "apropriação subjetiva da política do proletariado". Diz ele:

"frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga "sou eu"!, eu me apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie

de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra, logo a possibilidade de uma "interpelação às avessas" atuando na prática política do proletariado" (PÊCHEUX, 1995, p, 298-99).

Daí resultava, a seguinte sucessão teórica: 1) o mecanismo ideológico da interpelação-assujeitamento; 2) o apagamento ("esquecimento") de qualquer traço detectável desse mecanismo no sujeito pleno que nele se encontra produzido; e 3) a rememoração teórica de tal mecanismo e de seu apagamento, em uma espécie de anamnésia de porte marxista-leninista da qual resultava a noção de "apropriação subjetiva" a título de efeito prático. Por fim, Pêcheux destaca que isso remetia a um "retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática" (PÊCHEUX, 1995, p. 299). Frente a esta autocrítica, parece-nos, num primeiro momento, que Pêcheux tenta "desmontar" a terceira modalidade subjetiva do sujeito e, com ela, o processo de desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito Universal, num trabalho na e sobre a forma-sujeito.

No entanto, ao examinarmos mais atentamente esse texto de Pêcheux, podemos perceber esta retificação recai sobretudo sobre a questão do sujeito pleno, o que remete a um sujeito consciente, com determinada liberdade sobre suas escolhas, como é o caso da apropriação subjetiva. Assim, o que pode ter falhado na proposta de Pêcheux sobre a terceira modalidade de subjetivação do sujeito foi o próprio inconsciente, isto é, a constatação de que, mesmo o sujeito se desidentificando com os saberes da FD que o domina, ele continua afetado pelo inconsciente e determinado pela ideologia. Ou seja, o sujeito não se torna livre, mesmo nesse processo de desidentificação. O que ocorre é o deslocamento de uma forma-sujeito para outra, isto é, ele se desidentifica com determinados saberes, mas imediatamente identifica-se com outros, inscrevendo-se numa nova forma-sujeito e, conseqüentemente, numa nova FD, o que não supõe o "apagamento" total dos saberes com os quais ele está se desidentificando. Isto é, o que é anterior, continua ressoando, fazendo eco nessa nova forma-sujeito na qual o sujeito se inscreveu e que também está determinada social, histórica e ideologicamente. Não fosse assim, a noção de memória discursiva e de historicidade não teriam sentido dentro da teoria. Então, o próprio movimento de desidentificação já supõe a determinação do sujeito por outra FD que o domina, na qual continuam a ressoar os saberes anteriores, ainda que pelo viés do esquecimento. Isso, talvez, explique a autocrítica

de Pêcheux de que havia, em sua proposta, "um primado da teoria sobre a prática". Ora, tudo isso que destaquei - memória, historicidade, ideologia, inconsciente, saberes que continuam a ressoar - é da ordem da prática. E de uma prática que não está dissociada da teoria, mas, ao contrário, é atravessada/se atravessa pela/na prática.

Diante do exposto, pergunto se o próprio Pêcheux não foi muito radical na sua autocrítica? Será que, realmente, podemos afirmar que não pode haver ruptura no processo das identificações imaginárias?! E o que dizer da proposta de retificação do termo "desidentificação", mantendo apenas a *disjunção* entre o sujeito e o ego, mencionada por Pêcheux em uma nota desse anexo?

Com o avanço de algumas noções teóricas dentro da teoria materialista do discurso, é possível pensar, a partir de Courtine (1981), por exemplo, a noção de FD numa outra perspectiva. Já não se trata de um todo complexo com dominante, mas de uma FD com fronteiras instáveis, onde é possível a reconfiguração, a transformação e por que não a ruptura? Quando acontece a desidentificação do saberes do Sujeito Universal com o sujeito enunciador, é porque houve a transformação da forma-sujeito com a FD que o dominava, como nos mostra a Prof^a Ana ZANDWAIS, em suas análises sobre o discurso de Lênin após a Revolução Bolchevique, no artigo "A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas". Neste artigo, ZANDWAIS nos mostra a modalidade de desidentificação do sujeito funcionando discursivamente sob o efeito da reprodução. Isto é, mesmo quando há transformação/deslocamento dos saberes de uma determinada prática, há, simultaneamente, o efeito da reprodução. Assim, segundo a autora "o ideal da prática política revolucionária torna-se infalivelmente sempre um ideal inacabado" ZANDWAIS, 2003, no prelo), e, eu acrescentaria, assim como o ideal de ciência régia, perfeita, sem falhas nem equívocos, também é um ideal inacabado, como bem nos mostra Pêcheux.

O próprio Pêcheux, ao trabalhar com a noção de acontecimento discursivo, em um de seus últimos textos, "Discurso: estrutura ou acontecimento", também mobiliza a questão da ruptura dos saberes de um campo a outro, isto é, os saberes que circulavam em uma determinada FD passam a circular em outra, com outro sentido. Assim, a pergunta que fica é: Se há ruptura da FD, não há também a ruptura da forma-sujeito?

Enfim, considerando os movimentos que Pêcheux fez em "Semântica e Discurso", dentre os quais procurei destacar os da terceira modalidade subjetiva neste texto, podemos afirmar que esta obra de Pêcheux é um belo exemplo de como podemos pensar a contradição no interior da teoria.

BIBLIOGRAFIA

COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique*. **Langages** nº 62, Larousse: Paris, juin 1981.

PÊCHEUX, Michel (1967). Sob o pseudônimo de Thomas Herbert. *Observações para uma teoria geral das ideologias*. Traduzido por Carolina M. R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. In: **RUA**, nº 1, Campinas, 1995, pp. 63-89.

_____ (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____ (1988). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Traduzido por Eni Orlandi. 2ª ed., Campinas: Pontes, 1997.

_____ (1975). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995, Anexo III, p. 293-307.

ZANDWAIS, Ana. *A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas*. In: **Actas do I SEAD**, Porto Alegre, 2003 (no prelo).